

POLITICA, ASCENSÃO SOCIAL E LIDERANÇA NUM POVOADO BAHIANO

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ

1 — *Introdução*

No Brasil foram sempre estudadas aquelas partes da sociedade rural que se apresentam estruturadas segundo um arranjo estratificado de camadas sociais mais ou menos rígido, de que o exemplo por excelência é o dos grupos sociais habitando nas regiões de agricultura de exportação. Grandes fazendeiros, arrendatários, parceiros e camaradas formam uma pequena pirâmide no interior das propriedades rurais dessas regiões e os sitiantes proprietários, existentes nas vizinhanças, ficam completamente integrados nela, submetidos e subordinados. A ascensão social é aí precária — a não ser que o paternalismo e a proteção de um grande proprietário venha em ajuda de um afilhado para lhe dar melhor destino. Esta estrutura social fortemente hierarquizada forma pequenas pirâmides justapostas, ligadas umas às outras por relações de parentesco, de afinidade, de amizade, ou então afastadas por rivalidades e conflitos¹.

Todavia, além dêste tipo de estrutura, outro sempre existiu também que tem sido pouco estudado, e que se localiza em áreas onde a agricultura de exportação e a grande criação raramente fizeram seu aparecimento. São ali encontrados sitiantes autônomos; diríamos melhor, são ali encontrados pequenos produtores, quer agricultores, quer criadores, os quais po-

(1) Esta estrutura foi estudada por Antonio Cândido de Melo e Souza através da análise do grupo familiar, e por mim mesma, na análise, processos sociais e relações dos grupos de parentela. Antonio Cândido de Melo e Souza, 1951: Maria Isaura Pereira de Queiroz, 1965, a), f).

dem ser grandes proprietários de terras, porém não dispondo de meios para aproveitá-las, limitam-se a uma utilização por meio de roças ou por meio de criação de uma vintena de cabeças de gado. A estrutura dêstes grupos é geralmente de tipo igualitário², contrapondo-se então à sociedade estratificada das regiões de monocultura de exportação. Numa estrutura igualitária, todos os individuos ou tôdas as famílias tem mais ou menos a mesma posição social, sejam quais forem as suas posses e qualidades; não há a formação de camadas, que é própria da sociedade estratificada. Apenas o prestígio individual eleva as pessoas a uma posição mais proeminente; porém, como se trata de atributo pessoal e intransferivel, o grupo familiar não sofre senão um breve reflexo da conotação mais importante auferida por um dos membros. Novamente êste tipo de sociedade se contrapõe à sociedade estratificada (principalmente quando a base da estratificação é econômica), pois nesta a elevação do indivíduo acarreta geralmente a elevação também de tôda a família.

Os aspectos gerais que aqui apontamos, e que foram desvendados por pesquisas efetuadas noutras sociedades, também se aplicariam ao Brasil, já que constatamos a existência no país de grupos igualitários. Muito poucas, porém, têm sido as descrições dêsses grupos, no que toca ao problema das relações entre o acesso à liderança, que é uma forma de ascensão social, e as atividades políticas. Uma pesquisa que efetuamos vários anos seguidos no atual município de Sta. Brígida, no norte da Bahia, permitiu ver como se processa aquêle jôgo, que então passamos a expor.

2 — *Bahianos e Romeiros em Sta. Brígida*

Povoado e distrito do município de Jeremoabo, no momento em que efetuamos nosso trabalho³, Sta. Brígida está a meio caminho entre a sede daquele e a sede do município de Paulo Afonso, mas bastante afastada da estrada federal que liga as duas sedes, localizando-se próximo da divisa do Estado da Bahia com o Estado de Alagoas. Há uns 20 anos atrás, não passava de ínfimo vilarejo, uma vintena de casas em torno de uma praça⁴; a feira, embora antiga, pois datava de 1912, era pobre, atraindo apenas os moradores da caatinga em torno.

Forte imigração alagoana movimentou a zona partir de 1947, mais ou menos, atraída pela localização ali de um "beato" que percorreria o interior

(2) Maria Isaura Pereira de Queiroz, b) 1958; c) 1958; d) 1960; e) 1963.

(3) Sta Brígida foi elevado a município em 1963, desligando-se do de Jeremoabo. A sede passou, pois, a ter conotação de «cidade», já que por definição no Brasil tôda sede municipal é cidade. Apesar de muitas mudanças desde o último ano em que lá estivemos (1959), e a elevação a município é mudança não pequena, os aspectos essenciais continuam semelhantes, segundo nos tem assegurado vários pesquisadores que ali trabalham atualmente, numa pesquisa interdisciplinar. Ver indicação na bibliografia.

(4) No lançamento de impostos de 1943, figuram 43 casas, construídas de tijolos e telhas, para todo o distrito; em 1959, havia perto de 400 casas de tijolo de telha no distrito todo.

de Alagoas curando, pregando, batizando "afilhados" e deixando atrás de si um rastro de gratidão. Expulso de várias localidades, resolveu abandonar seu Estado natal em busca do sul e, passando por Sta. Brígida, o acolhimento que recebeu fê-lo tentar a permanência. Logo mais, muitos de seus "afilhados" e adeptos vieram residir no local, promovendo o crescimento do vilarejo, que se transformou em povoado de mais de 200 casas, aumentando também os habitantes da caatinga em torno com a fixação de perto de 2.000 romeiros. A integração dos migrantes era facilitada pela existência de terra boa e fácil de ser adquirida, de água em quantidade razoável, de trabalho abundante. Em vista de tal desenvolvimento, as autoridades de Jeremoabo ali instalaram escolas primárias, cartório de registro civil, distrito de paz, além de sub-delegacia já existente.

Porém, à medida que o número de romeiros aumentava, à medida principalmente que êstes prosperavam, mostravam-se os bahianos mais e mais ressentidos, depois de os terem de início acolhido favoravelmente. E hoje temos em Sta. Brígida duas comunidades vivendo justapostas, colaborando nalgumas atividades, ignorando-se noutras, e criticando-se reciprocamente. Fato notável: em perto de 12 anos de permanência dos migrantes, não se assinalavam ainda inter-casamentos⁵, mostrando a determinação das duas comunidades de permanecerem separadas.

No entanto, o modo de viver de ambas é semelhante; os mesmos padrões sociais, econômicos, religiosos e ideais regem aparentemente ambas as comunidades. A organização é a mesma: ambas se compõem de um aglomerado de famílias que ao mesmo tempo são núcleos familiares e núcleos econômicos. Cada família tem sua roça, às vezes também um gado, tudo para sua subsistência e destinando à venda sómente o excedente. As terras em que plantam os bahianos constituem em geral bem de propriedade do chefe de família, ou indivisa entre vários herdeiros; não constatamos ali nem arrendamento, nem parceria, nem "camaradas" recebendo um salário em dinheiro ou em espécie. Dos romeiros, isto é, os migrantes que ali se instalaram seguindo Pedro Batista, muitos também já são proprietários, enquanto outros alugam a terra em que cultivam sua roça, seja de autóctones, seja de romeiros proprietários. É interessante notar que a separação entre bahianos e romeiros não impede que os primeiros arrendem terras aos segundos, ou lhes dêem terras em parceria.

O trabalho nas roças, mesmo em caso de arrendamento ou de parceria, é autônomo: cada produtor planta o que quer, como quer; são, portanto, "donos" de seu trabalho. O trabalho é familiar — o grupo doméstico age como um grupo econômico produtor. Plantando a mesma couva, criando o mesmo gado, desempenham todos os membros da família, e os conjuntos de famílias, as mesmas tarefas à roda do ano; salvo as diferenciações

(5) A pesquisa em curso mostra que êstes começam a existir, denunciando um abrandamento das relações. Assim, o atual prefeito, bahiano, é casado com uma romeira.

devidas ao sexo e à idade, a divisão do trabalho é quase inexistente. Há apenas certas especializações de ofícios: carpinteiro, seleiro, sapateiro, oleiro, etc., mas que são exercidos as mais das vezes esporadicamente, quando há encomenda. As técnicas de cultura são idênticas nos dois grupos, e rudimentares ao extremo⁶.

A autonomia do trabalho tem seu reflexo no tipo ideal de homem reverenciado pelas duas comunidades: são orgulhosos da liberdade, vangloriam-se da insubmissão a qualquer tipo de disciplina e não importa a que autoridade, desde que imposta pela força. Sómente relações derivadas da amizade e da gratidão os fazem se curvar diante de alguém, que então consideram superior. Isto é, a obediência só é compreendida como livremente consentida; quando imposta, desperta rebeldia. De onde a consideração, tanto numa quanto noutra comunidade, de que o homem só é feliz quando é "livre", isto é, quando não trabalha sob as ordens de outrem, nem vive debaixo de uma autoridade opressora. "A pior vida é a de soldado, dizem; não tem nem a liberdade de pôr a mão no bolso quando quer, o sargento está ali para mandá-lo ficar em posição de sentido". Corolários são as idéias de que nem a família, nem o dinheiro dão posição social mais elevada ao indivíduo, e as reações veementes contra os que tentam se impor mercê de uma ou de outra podem não ficar só em palavras, e chegar até a agressão.

Ora, a própria vida que levam é de tal maneira uniforme que serve de base e de confirmação para estas noções. Aparentados entre si, dentro de cada comunidade, com os laços familiares reforçados por inúmeros, casamentos no interior do mesmo grupo, não há campo para se desenvolver a preeminência de um núcleo familiar em detrimento de outros. A falta de divisão do trabalho não oferece fundamento para uma hierarquização segundo as tarefas. Econômica e socialmente, as atividades não os separam também, nem o estilo de vida. Habitam os indivíduos de mais posses em casas semelhantes às de menos posses, no mesmo desconforto, com o mesmo chão de tijolo e as mesmas vasilhas de barro; podem se dar ao luxo de ter grandes fotografias coloridas dos membros da família, enquadradas em molduras empetecadas de enfeites, ornamentando os muros da sala; compram máquinas de costura para as mulheres da família⁷; vestem os homens um terno de brim nos dias de festa, enfeitam-se as mulheres com imitações baratas de jóias. Mas tudo isto são superfluidades que não possibilitam a ninguém passar para uma camada social hierárquica mais elevada ou ocupar posição de destaque. A vida religiosa, por sua vez, não dá também meios

(6) Em 1955, Pedro Batista doou uma de suas fazendas ao Governo Federal para ali ser instalada uma colônia agrícola. Quando lá estivemos pela última vez, em 1959, a colônia ainda não estava funcionando; agora, porém, está em completa atividade, introduzindo novas técnicas de cultivo.

(7) O consumo ostentatório é a única maneira, para o indivíduo, de provar que possui mais bens do que os outros. Assim, um dos habitantes de Sta. Brígida compra uma máquina de costura para cada uma de suas 6 filhas e para sua mulher, muito embora todas elas detestassem a costura e se entregassem com satisfação ao trabalho da roça... Na sua casa, das mais desconfortáveis que encontrei no povoado, as sete máquinas de costura alinhadas provavam a abastança do proprietário.

de diferenciação; não havendo padre em Sta. Brígida, as atividades religiosas cifram-se na realização de novenas e de festas; a posição de festeiro, que denota um prestígio individual, não cabe sempre à mesma pessoa e este rodizio age como um mecanismo de nivelação.

A penetração da administração pública no povoado, com a instalação do distrito de paz de Sta. Brígida, a criação concomitante de cargos como os de subdelegado, juiz de paz, escrivão do Registro Civil, professor municipal, e nomeação de gente do lugar para preenchê-los, poderia ter ocasionado uma diferenciação interna. No entanto, não são tais cargos encarados como "posições hierárquicas", e sim muito mais como funções a serem desempenhadas. Os indivíduos nomeados não adquiriram nenhum "status" especial dentro da comunidade, que os colocasse acima dos outros. São encarados de maneira muito mais simples: como os louceiros, as rendeiras, os sapateiros, têm uma outra tarefa a executar, além do trabalho do campo e que aparece como complementar dêste.

Também em relação uma à outra, não se colocam as duas comunidades em níveis diferentes; estão no mesmo plano e seus membros afirmam a plena igualdade de ambas. Igualdade, porém, no que diz respeito a posições hierárquicas, de base econômica ou não, pois em relação ao modo de vida e comportamento, gostam ambas de chamar a atenção para as dissemelhanças, depreciando o grupo contrário.

3 — *Dois estilos de vida*

Os grupos familiares bahianos apresentam sinais evidentes de decadência, que se refletem na comunidade tôda. Como já se disse, são em geral proprietários da terra; porém, tendo desaparecido o trabalho de "batalhão"⁸, as roças são exiguas porque dependem exclusivamente dos braços familiares. As festas religiosas, que outrora atraíam o povo da caatinga para a "rua"⁹, praticamente deixaram de existir. Estes dois desaparecimentos são concomitantes com o afrouxamento da solidariedade vicinal.

Por outro lado, a má reputação dos bahianos, tanto dos homens quanto das mulheres, é notória no distrito, como também na sede do município de Jeremoabo: preguiçosos, jogadores, bêbedos, vivem em concubinato, constituindo raramente família regular, não têm senso moral. Brigas, disputas, crimes se sucedem; os controles tradicionais, baseados na solidariedade familiar, desaparecem, mostrando que esta também se apresenta fluida. E a ninguém no distrito reconhecem autoridade de chefe, a quem vão formular queixas ou reclamações, e que consiga impor disciplina.

Sta. Brígida é considerada pelos próprios bahianos que ali residem como "uma terra em que a caridade acabou", opinião que é também a dos ro-

(8) É o nome do mutirão na zona.

(9) Os povoados no Nordeste são denominados "ruas".

meiros. Os velhos bahianos, com máqua, lembram de um tempo diferente que se perdeu no passado. Com aquela frase, querem significar que cada qual trata de si, não auxiliando mais nem parentes, nem amigos, nem vizinhos. O afrouxamento dos dois tipos de solidariedade básica — familiar e vicinal, — trouxe à comunidade um estado de quase anomia¹⁰.

A comunidade romeira se distingue da bahiana pela organização e prosperidade das famílias. A mão de obra familiar é completada pelo trabalho de "batalhão", permitindo o amanho de roças maiores e um certo excedente que dá maior desafôgo econômico; além de cereais para consumo, os romeiros plantam também algodão e palma¹¹, que destinam à venda. Assim, sua agricultura se complicou, já que apresenta uma tentativa de cultivar para o mercado e não apenas para a subsistência do grupo familiar. A persistência do trabalho de "batalhão" indica que a solidariedade vicinal continua vigorosa. Também é forte a estrutura familiar, revelada pela reprovação geral que encontram, quando mencionadas, as brigas entre irmãos, tios e sobrinhos, padrinhos e afilhados, etc. Aliás, é este o aspecto que os romeiros mais gostam de pôr em evidência, para demonstrar sua profunda diferença com relação aos bahianos.

A reputação de que gozam os romeiros de trabalhadores, de religiosos, de respeitadores dos laços de parentesco, de formarem famílias duradouras, de tranquilos e de raramente entrarem em disputas, mostra que realmente persistem as duas solidariedades básicas, a familiar e a vicinal. Estas também se expressam em vários tipos de ajuda mútua, familiar ou não, assim como nas devocções e práticas religiosas, sempre coletivas e sempre muito concorridas. O município todo de Jeremoabo tem esta opinião a respeito dos romeiros.

É também consenso geral no município de que, se os romeiros são organizados, se não brigam, não jogam, não fumam, não bebem, trabalham seriamente, é porque estão sob a direção de seu chefe Pedro Batista, a quem chamam de Padrinho. Este não admite que se desobedeqa às suas orientações. Por exemplo: depois de algum tempo de permanência em Sta. Brígida, sem incidentes, começaram os bahianos a manifestar azedume contra os romeiros — cada vez mais prósperos... Do azedume e da má vontade, passaram às provocações que, segundo esperavam, desencadeariam forçosa-

(10) Acreditamos que a desorganização notada entre os bahianos não decorresse de fatores externos — por exemplo, o contacto com comunidades mais adiantadas ou de outro tipo de economia; o isolamento preservara o povoado da invasão de "modernismos" abaladões. Província de um desequilíbrio interno entre homens e mulheres, causado pelas lutas contra o cangaço, assim como pelos conflitos internos às famílias, que efetuaram verdadeiras sangrias na população masculina. Em seguida, o exodo para o Sul tomou o lugar das lutas. Superando de muito a quantidade de homens, preferem as mulheres companheiros fortuitos ao estado de solteironas, apesar dos padrões ideais condenarem aquelas ligações. A vida conjugal não pode se organizar em bases sólidas e duráveis, porque os homens estão constantemente solicitados para novas uniões, vivendo uns em verdadeira poligamia, enquanto outros borboleteiam de aventura em aventura. Os filhos ficam a cargo das mães, raramente os pais se preocupam com eles.

(11) Palma é um pequeno cactus sem espinho, excelente alimentação para o gado.

mente conflitos. Pedro Batista, porém, ordenou aos adeptos que não respondessem a provocação alguma e, para prevenir acontecimentos desagradáveis, proibiu-os de andarem armados. Dêsses modo conseguiu-se o milagre de viverem lado a lado as duas comunidades, sem conflitos muito abertos; vangloriam-se os romeiros e o Padrinho de nunca terem respondido com violência a nenhuma ação desastrada e proposital dos bahianos. Cansaram-se êstes afinal e não inquietaram mais os romeiros.

4 — *Lideranças políticas*

Nesta comunidade bahiana assim desorganizada, existem dois líderes políticos. Um dêles é quase um forasteiro; pois enquanto os bahianos são autóctones, êste homem veio de outro ponto de vasto município de Jeremoabo e não é aparentado com a gente do local. Fazendeiro e dono de uma loja de armarinhos, sua lhaneza no trato, seu espirito caritativo, seu desprendimento econômico (evidenciado pelo fato de vender fiado e de nunca exigir pagamento, ao contrário de dois vendeiros bahianos que não fiam a ninguém), sua intervenção como mediador sereno e justo em algumas pendências, grangearam-lhe simpatia geral e muito prestígio. Pediram-lhe auxílio, convidaram-no para padrinho dos filhos, entregaram-lhe crianças para educar, muita gente se ligando voluntariamente a êle pelos laços da afeição e da gratidão.

Assim, êste indivíduo se destaca na comunidade bahiana e, muito embora não exercendo autoridade sobre os outros, a êle se recorre às vezes em caso de disputa, quando é ainda possível uma acomodação, ou quando há necessidade de conselhos. Reconhecem-lhe, pois, certa preeminência sobre os outros na vida comum, isto é, sua posição é uma posição de prestígio, embora não tenha êle na verdade um "status" social mais elevado. Pode-se falar numa liderança social um tanto fluida.

Por razões que não ficaram bem esclarecidas, esta pessoa ingressou na U.D.N., tornando-se o cabo eleitoral do partido em Sta. Brigida. Foi um acontecimento, já que quase todo o município de Jeremoabo era feudo do P.S.D., residindo na sede um grande chefe político do sertão, que liderava o P.S.D. tanto ali quanto em municípios vizinhos. O cabo eleitoral da U.D.N. atraiu para o seu partido os mais gratos e os mais leais de seus amigos, que lhe trouxeram os seus votos. Esta circunstância não alterou as relações que possuia com o grande chefe de Jeremoabo, e que sempre tinham sido boas. Também até o momento em que ali estive, sua posição política e a de seus amigos não havia semeado a discórdia no grupo bahiano, sempre pronto a acolhê-la; êste fato talvez decorresse de não dispor o cabo eleitoral da U.D.N. de uma quantidade desmesurada de votos, pelo contrário o número de seus seguidores era modesto. Era fora de dúvida que a posição de cabo eleitoral vinha aumentar ainda o seu prestígio pessoal e consolidar sua posição no povoado.

Há também entre os bahianos de Sta. Brígida um cabo eleitoral do P.S.D., indivíduo de algumas posses, fazendeiro e criador que representava no povoado o Coronel chefe político de Jeremoabo. Alcançou esta posição não devido a prestígio pessoal, que não tem, e sim devido às relações que conseguiu entabolar com o chefe político de toda a região, Coronel tradicional que como já dissemos pertencia ao P.S.D. Seu papel é o de um intermediário entre este e os eleitores. O eleitorado de que se ocupa não é, pois, um eleitorado "seu", e sim o do Coronel da zona; não exerce, assim, uma liderança política como no caso do cabo eleitoral da U.D.N., sendo realmente uma espécie de representante do real chefe político. Devotado profundamente ao Coronel, é encarregado por este de disseminar no distrito sua palavra de ordem, assim como é chamado de tempos em tempos para falar sobre as correntes de opinião que por acaso estejam existindo. Conhecendo a estima do Coronel por este homem, os eleitores do distrito que votam com o P.S.D. aceitam sua interferência.

Todavia, o cabo eleitoral do P.S.D. não é pessoa bem vista; bastante antipatizado, é acusado de egoista, avarento, interesseiro, grosseiro no trato, bajulador dos importantes. Segundo alguns eleitores, a consideração que lhes merece o Coronel, a quem estão ligados por laços de família, de amizade ou de gratidão, impede-os de impugnar a atuação do cabo eleitoral, a menos que este dê motivos claros para tal; mas, matreiro como é, não descontenta também o eleitorado a fim de não perder sua posição de intermediário. Graças à sua habilidade, conseguiu do Coronel ser nomeado sub-delegado do distrito, e é nesta condição que mais se torna patente sua falta de autoridade real: nas inúmeras questões que surgem a todo o momento, sua intervenção é inoperante, ninguém lhe dá ouvidos ou o procura, seus conselhos ou ameaças caem no vácuo. Está impedido de se queixar ao Coronel, pois este faria então uma sondagem para descobrir porque tudo isto está acontecendo, e os eleitores não deixariam de manifestar sua má vontade para com o cabo eleitoral. Vê-se que este, tendo galgado formalmente determinada posição, nem por isso alcançou a autoridade que acompanha a posição a que se alçou, por faltar-lhe prestígio pessoal. O prestígio pessoal parece ser, assim, indispensável para de certa maneira sacramentar a posição que, por outros meios, o indivíduo conseguiu atingir.

Entre os romeiros, é o próprio Pedro Batista quem desempenha a função de cabo eleitoral. Os romeiros se subordinaram inteiramente ao Padrinho devido aos benefícios que dele receberam: conselhos, proteção, amparo financeiro, curas de doenças; acreditam que ele dispõe de dons sobrenaturais, os quais são comprovados pelo seu poder terapêutico. Também reconhecem os benefícios da disciplina social que o Padrinho reorganizou, e a prosperidade dela resultante. Antes de se estabelecerem em Sta. Brígida, contam muitos romeiros que viviam em zonas ou em localidades onde "a caridade tinha desaparecido", e estabelecem comparações com o que hoje se verifica na comunidade bahiana com que coexistem: também em seus locais de origem havia brigas, lutas, conflitos e famílias desorganizadas, e o fato de

viverem sob a lei do Padrinho acabou com tudo isto. Assim, além de voluntariamente lhe obedecerem, ofertam-lhe outros presentes: produtos agropecuários, criação, os filhos para afilhados ou para criar, e os votos.

O Padrinho não é eleitor, porque analfabeto, muito embora comande todos os votos de seus romeiros. Como foi graças à proteção do Coronel que conseguiu permanecer no distrito¹², deu a ele seu apoio nas eleições, retribuindo o favor recebido com outro favor. À medida que seu poderio eleitoral foi se tornando visível, a fama do Padrinho ultrapassou os limites do distrito e do município; deputados estaduais e federais, senadores vieram visitá-lo em Sta. Brígida, tentando obter diretamente seu apoio. A fim de prescindirem de auxílio ou autorização do Coronel, atingem Sta. Brígida vindos de Paulo Afonso, isto é, sem passar por Jeremoabo; tanto mais que é em Paulo Afonso que existe um campo de aviação.

Durante algum tempo, Pedro Batista se furtou a compromissos diversos dos que assumira para com o Coronel. Porém, a consciência de seu próprio poder, despertada pela maneira por que é tratado pelos políticos, levou-o a considerar a possibilidade de ser por sua vez também um chefe político, em lugar de cabo eleitoral. Para tanto, seria necessário que Sta. Brígida fosse elevado a município. Ao Coronel de Jeremoabo não sorria tal perspectiva. Sta. Brígida, que nada era em 1947, tornou-se o distrito mais próspero do município, com arrecadação de impostos importante para um distrito de sertão. Por outro lado, a quantidade de sua população tornou-o fator de peso na decisão das eleições, assentando também firmemente o poder de Pedro Batista, que domina a maioria dos eleitores. Um conflito latente se desenhou entre Pedro Batista e o Coronel a partir de 1956; conflito que atingiu estágio agudo quando, em eleições para deputados, Pedro Batista dividiu seus votos: seus adeptos votaram no deputado estadual designado pelo Coronel (que no caso era seu próprio filho), mas votaram no deputado federal que Pedro Batista escolheu. Não houve rompimento, embora o Coronel tivesse ficado exasperado; o rompimento ainda teria sido pior, uma vez que Sta. Brígida tinha adquirido uma importância muito grande.

Assim, no momento em que foi feito este trabalho, achava-se o Padrinho num dilema: a consciência de seu próprio poder o impelia a desejar a elevação de Sta. Brígida a município, o que significaria sua própria ascensão política. Todavia, não podia se opor abertamente ao Coronel sem quebra da gratidão, que lhe deve, decorrente do apoio que sempre dele recebeu. Teria de continuar se equilibrando entre duas maneiras de se comportar, e agir de acordo com uma espécie de justiça de Salomão, como já fizera uma vez. Estava, porém, consciente de que a repetição da solução que já dera uma vez só poderia acabar por desencadear a luta entre ele e o Coronel; qualquer

(12) Ao chegar a Sta. Brígida, com todas as características do "beato" tradicional (barba e cabelos longos, bordão de peregrino), sua presença foi denunciada às autoridades municipais e regionais. O Coronel se responsabilizou por ele, afirmando que se tratava de pessoa boa e tranquila, e não de um novo Antônio Conselheiro.

outro pretexto também poderia ser usado para tal, desde que a situação se envenenasse¹³.

5 — *Ascensão social e qualidades pessoais...*

Numa sociedade estratificada, a ascensão social é fácil de perceber pois existem as diferentes camadas e vários canais de ascensão unindo umas às outras. Identificados êstes canais, o jogo de subidas e descidas de indivíduos e de grupos na escala social torna-se compreensível. Em Sta. Brígida, porém, não há uma diferenciação de camadas sociais, nem no grupo bahiano, nem no grupo romeiro. Existem pessoas que se tornaram credoras da confiança de seus semelhantes e, por isso, tem uma posição de relêvo; não se pode, todavia, dizer que formem uma camada superior, e isto por dois motivos. Em primeiro lugar, porque a posição de relêvo que ocupam é individual; em segundo lugar, porque trata-se de duas ou três pessoas que assim se destacam, isoladas, não se podendo dizer que formem uma camada. Ora, uma sociedade estratificada é aquela em cujo interior existem camadas hierárquicamente diferenciadas¹⁴.

No entanto, em Sta. Brígida existe uma hierarquia, e os três cabos eleitorais, cuja posição descrevemos, adquiriram nela "status" superiores aos de seus conterrâneos. Em dois casos, pode-se falar de uma liderança característica: tanto o Padrinho dos romeiros, quanto o cabo eleitoral da U.D.N., entre os bahianos, são indivíduos cuja palavra é acatada e respeitada, sejam quais forem os comportamentos e os setores de atividades envolvidos. Trata-se então de uma *liderança completa*, e a diferença entre ambos é apenas de grau na liderança desempenhada. Enquanto o Padrinho exerce a liderança no grau mais elevado, o cabo eleitoral da U.D.N. a desempenha em grau menor; isto é, do ponto de vista dos liderados, a submissão dos romeiros ao Padrinho é maior e mais completa do que a dos bahianos ao cabo eleitoral do P.S.D.

A diferença de grau está mostrando que quando as qualidades pessoais de um indivíduo impressionam fundamentalmente a outrem, e são consi-

(13) Realmente, a situação era muito tensa entre ambos nos anos de 1956 e 1957. Como, porém, não havia nenhuma eleição à vista, tudo foi amainando. Sucedeu que em 1958, no meio do ano, houve o falecimento do Coronel, sem que na família desse ninguém tivesse qualidades de liderança que o designasse como herdeiro político; o Coronel não foi, então, substituído por ninguém à altura de continuar na chefia política. Era a libertação de Pedro Batista, que alguns anos depois conseguiu que Sta. Brígida fosse elevado a município, dele se tornando então o legítimo Coronel.

(14) Estratificação e hierarquia são a miúdo confundidas de maneira desastrosa, pelos pesquisadores e sociólogos. O termo estratificação significa literalmente disposição em camadas; existem sociedades que correspondem a esta definição, outras não. O termo hierarquia significa uma ordenação em posições superiores a inferiores, segundo um conjunto de valores. Todo grupo social é hierarquizado, mesmo a família mais igualitária; há sempre algumas posições sociais que se sobrepõem a outras. Mas nem todo grupo social é estratificado, já que camada supõe quantidade de indivíduos.

deradas fora do comum, — isto é, quando se acredita que um indivíduo tem qualidades carismáticas, — então as relações que são estabelecidas com ele podem independe de um esquema de dom e contra-dom¹⁵. A maioria dos romeiros de Pedro Batista lembra sempre ter para com ele uma dívida de gratidão, devido a um favor recebido; há porém aquêles que vieram para Sta. Brígida simplesmente porque acreditavam que ele era dotado de poderes sobrenaturais. Assim, a simples crença nas virtudes do Pedrinho, sem recebimento de nenhum benefício, pode determinar obediência. O grau de raciocínio é aqui muito menor, e muito maior o grau de afetividade, do que quando o indivíduo se liga ao Padrinho em função de um favor recebido. Num e noutro caso, a crença nas qualidades sobrenaturais impede o indivíduo de desobedecer; sua liberdade de movimentos é, assim, pequena. Votar em alguém diferente da indicação do Padrinho é impensável.

No caso do cabo eleitoral da U.D.N., que também o é na base de prestígio pessoal, as relações são muito mais de reciprocidade de favores. Há como que um contrato entre o cabo eleitoral e os eleitores: estes retribuem o que aquél lhes deu, ou então oferecem seus votos na expectativa de um favor a ser alcançado. O contrato, que é informal e costumeiro, pode ser rompido quando uma das partes não cumpre o que delas se espera. No momento das eleições, não é raro que o cabo eleitoral do P.S.D. procure os eleitores da U.D.N., fazendo-lhes algumas promessas; na medida da importância destas para os eleitores, poderá ou não grangear para o P.S.D. mais alguns votos. Apontam-se na comunidade bahiana gente que, na última eleição, não votou com a U.D.N., embora o tivesse feito antes; são "vira-casaca", sempre depreciados, mas muito mais em termos de ironia do que realmente em termos de reprovação fundamental. Dependendo do que alcançaram em troca de seu voto, a ironia será mais ou menos funda.

Por sua vez, o cabo eleitoral do P.S.D. é antes um funcionário do que um líder. Realmente, a liderança se define como o comando de um grupo por um ou vários de seus membros, que retiram sua autoridade seja do prestígio pessoal, seja da importância da posição ocupada numa hierarquia. Ora, o cabo eleitoral do P.S.D., muito embora ocupe uma posição de importância e de controle, como sub-delegado, na realidade nada comanda. Dentro da instituição governamental, como sub-delegado, não pode nem mesmo exercer suas prerrogativas pois ninguém lhe dá ouvidos; na fluida estrutura política que é a do distrito de Sta. Brígida, sua posição de cabo-eleitoral é também meramente de um intermediário entre dois poderes — o poder do Coronel e o poder dos eleitores. Dêsse modo, podemos afirmar que em Sta. Brígida, o prestígio pessoal é a via única para se atingir a liderança, seja parcialmente no setor das atividades políticas, seja de maneira completa, em todos os setores de atividade.

(15) Marcel Mauss, num ensaio muito famoso e importante para a Sociologia, mostrou como o dom e o contra-dom são básicos nas sociedades primitivas e encerram racionalidade e lógica. Ver Marcel Mauss, 1950.

O fato do cabo eleitoral do P.S.D. não ter conseguido nem uma liderança burocrática, nem uma liderança política, embora ocupe posições que normalmente lhe deveriam dar ambas, indica também que Sta. Brígida, do ponto de vista dos diversos setores de atividade, não os tem perfeitamente diferenciados. A liderança política só é efetiva na medida em que o indivíduo tem uma liderança completa, como o mostram os exemplos de Pedro Batista e do cabo eleitoral da U.D.N. Trata-se de uma comunidade em que os diferentes setores de atividades se encontram mesclados, o que é próprio de sociedade ou de tipo arcáico, ou de tipo tradicional.

Por outro lado, o grau muito elevado de prestígio pessoal do Padrinho coloca-o numa posição social ímpar dentro de ambas as comunidades. Enquanto o cabo eleitoral da U.D.N. tem um pequeno papel de líder, Pedro Batista é um líder em toda a acepção da palavra. No primeiro caso, o prestígio pessoal, embora distinguindo o indivíduo da massa dos outros, não é suficiente para fazê-lo realmente ingressar em nível superior ao dos demais. O Padrinho, ao contrário, é considerado como superior a todos os outros, quer romeiros, quer bahianos; e embora os bahianos aprengam não acreditar nele, nem por isso deixam de dar mostras de considerá-lo como pertencendo a um nível superior ao de todos os demais. Dêsse modo, a superioridade do carisma como fator de ascensão social sobre o simples prestígio pessoal, é palpável; o cabo eleitoral da U.D.N. é um líder, porém não é um indivíduo de nível superior aos demais; o Padrinho é tanto um líder, quanto um indivíduo de nível superior aos demais. Enquanto o prestígio pessoal leva à liderança, as qualidades carismáticas fazem o indivíduo alcançar um "status" realmente mais elevado do que o dos outros. Numa comunidade como Sta. Brígida, tão pouco diferenciada internamente, sómente o carisma parece constituir um verdadeiro canal de ascensão social.

Do que foi analisado, depreende-se também que liderança não implica em posição de superioridade. Isto é, ascensão social e liderança, neste tipo de sociedade, não estão ligadas e podem ser perfeitamente independentes.

6 — *A comunidade rural e a sociedade global.*

Sta. Brígida, como comunidade rural de tipo tradicional, tem ligações peculiares com a sociedade brasileira, considerada sociedade global de que a comunidade faz parte¹⁶. É interessante verificar o grau de integração desta naquela, e analisar seus efeitos no problema da ascensão social e da liderança.

Econômicamente, Sta. Brígida pouco depende da sociedade global; produz para seu próprio consumo, e não para um mercado extra-local (os

(16) Conceito de Georges Gurvitch, significa um todo maior, possuindo "uma soberania jurídica delimitando a competência de todos os agrupamentos que nele estão integrados", assim uma "soberania social sobre todos os grupos que dêle fazem parte" — Georges Gurvitch, 1958, v. I, p. 216.

poucos plantadores de algodão e de palma em escala comercial não chegam a mudar a orientação da maioria para a produção visando o consumo interno). É quase auto-suficiente, é quase fechada sobre si mesma, no que toca à produção e ao consumo. Os produtos manufaturados adquiridos pelos habitantes do distrito não são indispensáveis à existência; se por um acaso não fosse mais possível comprá-los, ainda existem na comunidade rocas e fusos, teares, casas de farinha, e outros instrumentos rudimentares, assim como especialistas — tecelã, louceira, seleiro, — que fabricarão os objetos de que se necessita na vida diária.

Administrativamente, Sta. Brígida liga-se à sociedade global tanto através do pagamento de impostos, quanto pelas diversas instituições de que possui representantes em seu meio, e que governam o país. Porém, os impostos são ressentidos como uma espoliação ilegítima e abusiva. Quanto aos funcionários existentes no povoado — juiz de paz, escrevente do cartório de Registro Civil, sub-delegado, professores primários, — não têm na comunidade nem importância, nem significado maior do que os dos outros membros. Com relação ao sub-delegado, basta ver que nunca teve autoridade suficiente para obrigar seus conterrâneos a seguirem as leis, regendo-se êstes pelo controle social difuso e efetuando justiça por suas próprias mãos. Portanto, a ligação existente nesse ponto com a sociedade global é perfunctória.

Do ponto de vista religioso, também se nota em Sta. Brígida certa autonomia. Oficialmente, é ela paróquia de Jeremoabo, e sujeita ao vigário desta cidade. No entanto, nenhuma das duas comunidades, bahiana e romeira, se liga realmente ao corpo formado pela Igreja Católica, ao qual dizem pertencer. O vigário de Jeremoabo só aparece de longe em longe; oficialmente, ali vai ter uma vez por ano, ou então quando é para tal convidado. A vida religiosa local se desenrola sem sua participação ou interferência, orientada pelos especialistas ali existentes — capelães leigos, rezadores, "beatos", — que "tiram reza", organizam novenas e procissões, zelam pela igreja e pelo cemitério. Os romeiros consideram Pedro Batista seu chefe religioso; os bahianos não têm um chefe religioso, e não consideram o vigário de Jeremoabo como tal. Portanto, ao nível da religião Sta. Brígida forma também uma unidade quase autônoma, como ao nível da economia e da administração.

A única ligação efetiva de Sta. Brígida com a sociedade global se opera por intermédio da política. Esta se apresenta estruturada em dois segmentos complementares, o legal e o "de facto", que se interpenetram. No legal, escalonam-se tôdas as posições que vão do presidente da República aos menores funcionários. No "de facto", a escala vai dos chefes de grande prestígio nacional, até os cabos eleitorais e eleitores. Os cabos eleitorais constituem um posto acima do de simples eleitores, o que é reconhecido tanto por êstes quanto pelos chefes imediatamente superiores. O voto é o laço pelo qual os eleitores se integram na sociedade global e dela participam.

Ao contrário da estrutura econômica e da estrutura religiosa que existem em Sta. Brígida, a estrutura política não é fruto da comunidade; formou-se e é fruto de um outro tipo de sociedade, muito mais complexa, estratificada, com os setores de atividades bem delimitados de modo que a atividade política, por exemplo, não está confundida com nenhuma outra. A estrutura política penetrou em Sta. Brígida de fora para dentro, mostrando-se por isso peculiar em seu funcionamento. Os habitantes de Sta. Brígida sabem que têm um papel a desempenhar nas eleições, têm cada vez mais consciência do peso de seu voto, — principalmente a comunidade romeira, que é muito mais numerosa do que a bahiana; porém a eleição não é um momento de escolha dos mais capacitados, pelo contrário, constitui um momento de barganha ou de reciprocidade de dons. O indivíduo dá seu voto porque já recebeu um benefício, ou porque espera ainda recebê-lo.

Há, então, uma redefinição da política, ao ser integrada entre as atividades dos habitantes do distrito, que fica visível também com relação ao problema da liderança. Não há no distrito nenhum posto pertencente à estrutura política legal; só existem ali elementos da estrutura "de facto". A ocupação de postos na estrutura "de facto" só significa real liderança política na comunidade, quando o indivíduo os tiver alcançado segundo as normas locais, que tornam a liderança um fenômeno determinado pelo prestígio individual. Não adianta uma indicação vinda da cúpula; se não dispuiser de prestígio individual, o cabo eleitoral nada lidera.

Este aspecto está profundamente ligado ao aspecto de bem de troca, assumido pelo voto. Isto é, na reinterpretação efetuada para a política, em Sta. Brígida, de eleitor para líder político há uma troca de serviços, uma reciprocidade ou contra-prestação, semelhante às que regem as relações individuais básicas. E assim, tanto se espera lealdade da parte do eleitor para com o Coronel, quanto do Coronel para com o eleitor. Votar num candidato indicado por um Coronel não é aceitar passivamente a vontade desse; é dar conscientemente um voto a um chefe poderoso, de quem já se obteve algo, ou se almeja obter algo. O voto é, pois, consciente, mas orientado de maneira diversa do que o voto de um cidadão de sociedade diferenciada e complexa; no primeiro caso, o voto é um bem de troca; no segundo caso, o voto é a afirmação pessoal de uma opinião. Na perspectiva da sociedade global, Sta. Brígida vota de maneira "desviada" e "anormal"; na perspectiva de Sta. Brígida, não se chega a compreender a conceituação de voto dada pela sociedade global¹⁷.

Sta. Brígida, pequena comunidade rural que é parte de sociedade global em vias de industrialização, só se integra nesta ao nível da política, e assim mesmo reinterpretando normas e valores políticos. Em todos os outros se-

(17) O problema do voto chamado "de cabresto" não nos pareceu existir em Sta. Brígida, em que a maior parte dos eletores é proprietária de terras. Nada tem de semelhante com o que se passava por exemplo em fazendas de café, em que o fazendeiro exigia de seus colonos o voto num determinado sentido.

tores socio-culturais e atividades, a comunidade age de maneira independente da sociedade global. A liderança e a ascensão social não fogem a esta regra, e têm lugar de acordo com os valores comunitários, e contrariando mesmo as indicações da sociedade global. Assim, um indivíduo pode chegar a cabo eleitoral por determinação do Coronel, elemento político exterior à comunidade; no entanto, muito embora sendo um cabo eleitoral, não constitui um líder e seu papel acaba sendo dos mais apagados. Elemento exterior absorvido pela comunidade, o complexo político nada traz de novo ao funcionamento desta, que continua a se processar dentro dos moldes que lhe são peculiares¹⁸.

Embora seja pela política que Sta. Brígida mais se integra na sociedade global, esta se implantou na comunidade mediante uma reinterpretação. Nossa impressão é de que o mesmo se deu com os outros servidores públicos, — juiz de paz, sub-delegado, escrivão de cartório, etc. — cujas atividades provavelmente também sofreram uma redefinição por parte dos membros da comunidade. O problema foi por nós sentido, mas não foi analisado. Assim, a integração de Sta. Brígida na sociedade global se daria antes por coexistência do que por interpenetração, — esta sendo muito pequena. Utilizando as palavras da definição de sociedade global, dada por Georges Gurvitch, diríamos que a sociedade brasileira exerce sobre Sta. Brígida uma soberania jurídica efetiva; porém, somente com muito cuidado se poderá afirmar que também exerce uma "soberania social", dada a independência e auto-suficiência da comunidade.

7 — *Conclusão*

Que importância têm no país comunidades do tipo de Sta. Brígida? No passado foram numerosas. Porém, a rede de estradas que quadricula de maneira cada vez mais miúda o território nacional, constitui uma primeira ameaça à sua posição de independência. É de crer que sejam elas hoje muito menos importantes em quantidade do que o foram no passado, e que tendam cada vez mais a uma integração por interpenetração na sociedade global, — isto é, que tendam ao desaparecimento. É lícito também supor que se concentrem mais em determinadas regiões do que noutras, já que algumas regiões estão mais cortadas de estradas do que outras; sem falar que algumas regiões (notadamente as regiões de monocultura de exportação), apenas as conhecem esporadicamente.

No que toca aos problemas de ascensão social e de liderança, verifica-se que não obedecem às condições fixadas pela sociedade global, mas se desenvolvem segundo padrões peculiares à comunidade. Sua base é ainda o prestígio pessoal. No caso da ascensão social, como se trata de uma comu-

(18) Seria de grande utilidade re-estudar Sta. Brígida no momento atual, em que se transformou em município. Deste modo, a ligação com a sociedade global por meio da política se ampliou e se reforçou.

nidade igualitária, esta é antes incipiente e só se afirma com clareza quando as qualidades pessoais do indivíduo que se eleva são de tal ordem que ele pode ser classificado como detentor de carisma. Assim, as qualidades sobrenaturais constituem um dos fatores melhores e mais nítidos de ascensão individual¹⁹.

Em outras comunidades semelhantes a Sta. Brígida serão encontrados os mesmos caracteres, de ascensão social e liderança, mesmo que elas não possuam líderes carismáticos? É de crer que sim. Pelo menos, essa é a nossa hipótese, que gostaríamos de ver confirmada ou infirmada através de novas pesquisas em diferentes regiões do país²⁰.

B I B L I O G R A F I A :

- GURVITCH, Georges — TRATÉ DE SOCIOLOGIE — 2 vols., Presses Universitaires de France, Paris, 1958
- MAUSS, Marcel — SOCIOLOGIE ET ANTHROPOLOGIE — Presses Universitaires de France, Paris, 1950
- MELO E SOUZA, Antonio Cândido — The Brazilian Family — "in" T. Lynn Smith, BRAZIL, PORTRAIT OF HALF A CONTINENT, The Dryden Press, New York, 1951
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — LA GUERRE SAINTE AU BRÉSIL: LE MOUVEMENT MESSIANIQUE DU CONTESTADO — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P., 1957 — a)
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — SOCIOLOGIA E FOLCLORE: A DANÇA DE S. GONÇALO NUM POVOADO BAHIANO — Livraria Progresso Editora, Bahia, 1958 — b)
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — A dança de S. Gonçalo, fator de homogeneização social numa comunidade do interior da Bahia — REVISTA DE ANTROPOLOGIA, S. Paulo, junho de 1958 — c)
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — Désorganisation des petites communes brésiliennes — CAHIERS INTERNATIONAUX DE SOCIOLOGIE, vol. XXVIII, 7e année, 1960 — d)
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — Mouvements messianiques et développement économique au Brésil — ARCHIVES DE SOCIOLOGIE DES RELIGIONS, n. 16, Paris, 1963 — e)
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — O MESSIANISMO NO BRASIL E NO MUNDO, Dominus Ed., S. Paulo, 1965 — f)

(19) Já o havíamos estudado em nossa tese de doutoramento (a) (1957). Mas mesmo em Sta. Brígida isto se depreende da quantidade de indivíduos que tentam uma ascensão social através do carisma. Não apenas alguns indivíduos atualmente assim agem, como a história da comunidade, de 1947 para cá, registra vários que experimentaram fazê-lo, sem sucesso. O prestígio de Pedro Batista os anula. Pedro Batista tendo falecido em novembro de 1967, novas tentativas poderão ser feitas.

(20) Este trabalho foi apresentado como comunicação ao II Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em Belo Horizonte, março de 1962.

PESQUISA INTERDISCIPLINAR NO MUNICÍPIO DE STA. BRIGIDA, ESTADO DA BAHIA, em curso financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo —

Informações prestadas pela profa. Lia Freitas Garcia Fukui, que estuda a organização da família nas duas comunidades.

Idem pelo cineasta Sergio Muniz, que ali realizou um documentário.

Ver também o documentário O POVO DO VELHO PEDRO, dirigido e executado por Sergio Muniz, de 1 hora e 10 minutos de duração, em que a organização igualitária de Sta. Brígida ressalta de maneira muito viva.

